

FHC - Luagum

Balanço africano

A primeira visita do Presidente FHC às terras africanas, como chefe do Governo brasileiro, certamente rendeu bons frutos, como já se esperava. Mas antes de se falar dos resultados visíveis, conviria lembrar que a África continua sendo, para boa parte das elites políticas e econômicas brasileiras, e da opinião pública, um continente ainda mais distante que a Ásia. A aproximação brasileiro-africana, iniciada há 25 anos pelo então chanceler Mário Gibson Barboza, e perseguida depois, com maior ou com menor entusiasmo, pelos governos seguintes, ainda é vista como uma atividade diplomática meio exótica. Basta lembrar que parlamentares de esquerda nunca pisaram em Angola, Moçambique e na África do Sul, mas conseguiram chegar a Pyongyang, capital da Coreia do Norte, de onde voltaram tão entusiasmados com seu regime comunista reacionário e cheirando a naf-

talina que chegaram a criar, no Congresso, um grupo parlamentar brasileiro-coreano (do Norte), como se isso tivesse alguma importância para o País.

Apesar dessa relativa indiferença, o Brasil segue, acertadamente, uma política de crescente aproximação política, econômica e cultural com as nações africanas, notadamente com as de idioma português, mas também com as demais, como a África do Sul, especialmente depois que esta última deu uma guinada de 180 graus e enterrou o apartheid. E foi como parte dessa política acertada, que o Presidente da República acaba de visitar Angola e a pátria de Nelson Mandela, marcando uma significativa presença do Brasil na parte sul do continente africano.

Se a África, como um todo, e o mundo de origem lusitana, mais a África do Sul, não podem ser vistos com indiferença, como insistem alguns setores bra-

sileiros partidários da política do avestruz, também é verdade que nem o Brasil e nem os amigos d'além-mar devem se encarar mutuamente com deslumbramento, como se um fosse a salvação do outro. Nenhum país vai "salvar" o Brasil e nem o Brasil vai salvar ninguém. E nem seria possível pensar que uma aliança ou bloco brasileiro-africano pudesse ser criado e levado avante como forma de contrabalançar os poderosos centros mundiais de decisão. Essas quimeras, felizmente, não fazem parte do realismo diplomático que o Presidente FHC demonstrou na recente visita a Angola e à África do Sul. Ninguém pousou, ali, de "salvador" do outro, mas, sim, de um amigo sincero e parceiro potencial de grandes iniciativas no futuro que podem servir muito aos interesses de cada uma das nações e, no conjunto, à causa da paz mundial e do desenvolvimento nessa era de economia globalizada.